

# O legado de J. A. Gaiarsa

FERNANDA CARLOS BORGES

[ORG.]



EDITORA  
ÁGORA

*O LEGADO DE J. A. GAIARSA*  
Copyright © 2020 by autores  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Campos**  
Capa: **Marianne Lépine, com foto de Stefan Patay**  
Diagramação: **Crayon Editorial**

### **Editora Ágora**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>Apresentação – A espiritualidade de Gaiarsa . . . . .</b>	<b>7</b>
<i>Fernanda Carlos Borges</i>	
<b>1 Gaiarsa: a mutação da classe média, a contracultura e a entrada das escolas neorreichianas no Brasil . . . . .</b>	<b>19</b>
<i>Regina Favre</i>	
<b>2 Sobre meu pai . . . . .</b>	<b>39</b>
<i>Nadeesh Gaiarsa (Paulo Martins Gaiarsa)</i>	
<b>3 Rua Araújo: clínica do dr. Gaiarsa . . . . .</b>	<b>47</b>
<i>Fábio Landa</i>	
<b>4 Gaiarsa, meu psicoterapeuta . . . . .</b>	<b>59</b>
<i>Monja Coen</i>	
<b>5 As origens . . . . .</b>	<b>81</b>
<i>André Gaiarsa</i>	

<b>6</b>	<b>Minha experiência com Gaiarsa, o “senhor das estradas” . . .</b>	<b>89</b>
	<i>Pedro Prado</i>	
<b>7</b>	<b>Gaiarsa, o terapeuta . . . . .</b>	<b>109</b>
	<i>Daisy Souza</i>	
<b>8</b>	<b>Gaiarsa: coragem de ser . . . . .</b>	<b>119</b>
	<i>Regina Navarro Lins</i>	
<b>9</b>	<b>Zé. . . . .</b>	<b>137</b>
	<i>Dárcio Valente Rodrigues</i>	
<b>10</b>	<b>Uma abordagem corporal para corpos brasileiros . . . .</b>	<b>151</b>
	<i>Fernanda Carlos Borges</i>	

# Apresentação – A espiritualidade de Gaiarsa

**FERNANDA CARLOS BORGES\***

Conheci os Gaiarsa já nos anos 1990, muito depois de todas as histórias que vocês lerão neste livro, narradas por pessoas que tiveram contato com ele a partir dos anos 1960. São histórias de um mundo em transformação, de um Brasil que se modernizava com relação aos costumes patriarcais autoritários. Histórias de rupturas e reinvenções, movidas por um desejo de liberdade. Uma liberdade que nasceu aos gritos. E que herdamos como legado tranquilizado e amadurecido que melhorou as condições de vida de todos – embora tal legado esteja hoje ameaçado pelas forças neofascistas.

Foi uma psicóloga com quem eu fazia análise em Porto Alegre – quando ainda era estudante de Filosofia e comecei a me interessar pelo corpo – que me indicou os seus livros. Leitura que determinou todo o meu destino acadêmico, da monografia

\* Filósofa, doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e pós-doutora em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade de Campinas (IA-Unicamp) e em Antropologia pelo Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta de Portugal.

em Filosofia, passando pela formação em Psicanálise, aos pós-doutorados em Artes e Antropologia, sempre pesquisando as relações entre o sistema sensorio-motor e os fenômenos da consciência, da cultura, da comunicação e da ética. Sempre inspirada por Gaiarsa, que foi pioneiro no campo da pesquisa corpórea no Brasil, embora ele estivesse fora da academia. Foi por meio da admiração intelectual que me aproximei pessoalmente dele e ligamo-nos pelo amor. Amor que respondeu, também, por urgências emocionais, existenciais e espirituais.

Nascido em 1920, José Angelo Gaiarsa foi um homem do século XX. Na onda do modernismo brasileiro e das revoluções socialistas mundiais, testemunhou a ascensão e a queda dos fascismos nacionais e internacionais, viu a resistência contra a ditadura iniciada em 1964 no Brasil, presenciou a revolução sexual e feminista dos anos 1960 e 1970. Entrou na TV nos anos 1980 e cresceu como figura pop com ela.

Criado no seio de uma família de colonos italianos cuja vida era regida pelo imaginário católico cristão, Gaiarsa passou a vida toda dialogando com a imagem de Jesus. Vocês verão a Monja Coen contando que, na entrada do consultório dele, havia uma imagem de Jesus sorrindo. Não sofrendo. Abandonou completamente a frequência católica, mas Deus feito corpo sempre foi uma personagem forte no cenário do seu imaginário, reinventado. Escreveu ele (1988, p. 53):

Cristo na Cruz talvez seja o símbolo criado pelo homem ocidental para representar esse fato básico: sempre que um desejo nos anima, logo ele articula um complexo de tensões musculares que são seu instrumento de ação sobre o mundo, de atuação com e contra as coisas que ajudam ou atrapalham o desejo.

Toda a vitalidade criativa do Deus encarnado limitada pela cruz imóvel e assassina daqueles que não conseguem amar a vida, os ressentidos. Cristo na cruz representa, para Gaiarsa, a limitação das possibilidades expressivas e conectivas do corpo. Cruz como o esqueleto ao qual a vida sucumbe ainda em vida, com todos os processos de repressão e cegueira. Estrutura morta. Gaiarsa sabia que um esforço repressivo e excessivo contra a expressão corresponde a um controle muscular que cria uma sensação do corpo como coisa densa, uma cruz.

Ele se interessava pela singularidade, por aquilo que não se repete e de onde emerge a criatividade do vivo, do Deus vivo fora da cruz. O sistema perceptivo humano é capaz de notar repetições e diferenças. Gaiarsa queria treinar nas pessoas a percepção da diferença:

A humanidade vem exercitando-se na percepção das semelhanças, do regular, daquilo que se repete invariavelmente [...]. Nas coisas humanas – desde que os homens são o material mais elástico da natureza –, a perda de plasticidade é sempre letal a longo ou a curto prazo – a perda da vida, de criação, de variação.

No prefácio de Fausto se lê:

Criação, destruição

Da Mente Perene,

Perene recriação

[...] A cada momento, a descoberta e o cultivo daquilo que se vai criando [...] nada de definitivo no homem. (Gaiarsa, 1988, p. 232)

Era interessado no sentido prático – quer dizer, na ética. Ou, nas palavras dele, queria aproximar aquilo que se fala

daquilo que se faz. Especialmente num mundo em que se cultiva muita atenção no que se fala e pouco no que se faz. Ou pior: em que se usa a fala para ocultar o que se faz.

Foi inspirado por anjos e atormentado por demônios, como todos nós.

Para Gaiarsa, esquemas motores construídos nas relações sociais podem ser entendidos como objetos reificados da cultura. O mesmo é proposto pelo antropólogo Thomas Csordas (1990) na pesquisa que realizou sobre cultos de exorcismo neopentecostais nos Estados Unidos. Csordas estudou os demônios como objetos-disposições culturais, um número limitado de emoções contidas em esquemas motores que se manifestam num ambiente compartilhado de hábitos. Tais demônios-esquemas motores possuem os participantes e são exorcizados nos cultos, quando essas pessoas “repousam no espírito”, numa “aceitação encarnada de Deus”. Essas imagens cinestésicas são disposições culturalmente compartilhadas para ser rejeitadas ou acolhidas. Fora do ambiente religioso, fazemos o mesmo quando, por exemplo, rejeitamos determinados esquemas motores associados à identidade “mulher” e criamos novas formas de ser e fazer mulher. Ser demônio ou anjo dependerá de quanto esses esquemas motores nos amarram ou nos libertam. A possessão dos demônios amarra e dificulta a emergência de novas formas potenciais que poderiam ser atualizadas, mas que ficam presas, criando conflito com o hábito.

Gaiarsa (2010, p. 18) repara que, etimologicamente, “espírito” deriva de “sopro” – em latim, *spiritus* significa “que sopra”: “Palavras são mensagens que caminham no e são feitas de ar. Palavras são anjos”. Mas também podem ser demônios...



A palavra atua no corpo, “faz a gente tomar posição; preparar-se para a coisa, para ir com ela – ou contra ela” (*ibidem*). Uma re colocação da postura implica também uma mudança respiratória. O hábito e a novidade disputam respirações. Uma “disputa” entre as atitudes reificadas (formadas no passado) e as incertas, voltadas para o futuro. Conflito expresso no imaginário popular como inspiração dos anjos ou tentação dos demônios.

E talvez por isso devamos, hoje, pensar em uma “ecologia do espírito” – como proposta por Bernard Stiegler (2002) –, já que os espíritos estão à solta e se propagando, talvez como nunca, pelos novos médiuns que lhes dão suporte: os avançados meios de comunicação e informação. Espíritos angelicais e demoníacos cujas mídias servem como médiuns a serviço da cooperação ou da discórdia, do conhecimento ou da confusão, da compreensão ou da difamação, da verdade ou da mentira. Afinal,

o espírito é aquilo que permite que a experiência individual se torne experiência comum de partilha, não somente como memória dos fatos, mas como herança de problemas a resolver, de questões a ruminar, de ideias a defender e a explorar. [...] O espírito é uma capacidade de retorno ao passado. É por isso que os espíritos também são as almas dos mortos, os fantasmas. Mas não existe espírito sem um médium (sem intermediário) e esse é aquele que conserva a memória como organização da matéria inorgânica. (Stiegler, 2002, p. 98)

O excesso da atividade espiritual deve ser sossegado pelo Repouso no Grande Espírito, ou seja: relaxar desfazendo inclinações destruidoras que intensificam os conflitos respiratórios,

produzindo descaminho. Não nos falta hoje, no Brasil, a oportunidade de ver *performances* violentas de pastores usando a palavra de Deus para destruir. Para testemunhar a violência demoníaca, autoritária e destrutiva, desligue o áudio e veja as posturas corporais, as expressões faciais e o gestual.

É preciso repousar no espírito para reencontrar o caminho, desde que a ideia de Grande Espírito não seja sequestrada por sistemas de dominação. Contra isso, é sempre bom lembrar a irredutibilidade do poder do Grande Espírito. No êxtase da entrega religiosa,

o indivíduo descobre, com surpresa, que ele “não precisa fazer nada” para existir. Descobre que algo nele é maior do que ele, e que a esse algo é possível confiar-se – e dormir. Descobre que ele existe antes do “eu” e pode continuar existindo mesmo sem “eu”, sem deliberação, sem atenção, sem intenção. (Gaiarsa, 1988, p. 79)

Gaiarsa lidou com o medo da Queda. Queda que faz parte do universo mítico da tradição judaica-cristã-muçulmana. Para ele, a queda mítica é uma emergência, como metáfora, do medo da queda real provocada pelo desequilíbrio da postura do corpo humano, “porque o risco da queda é o mais poderoso estímulo à zona reticular do mesencéfalo. É o que mais nos chama a nós mesmos” (1988, p. 62). Quem não acha o caminho cai. Quem entra no descaminho tropeça e cai. Quem dá o passo maior do que as pernas cai. Quem muito quer o céu e não se entrega ao poder da terra cai. Quem é levado pelo orgulho antigravitacional cai. Quem se atira sobre os outros cai quando o outro cansa de ser a muleta do autoritarismo. Mas, se a queda é um risco, também é uma oportunidade. O risco

de ser possuído pelos demônios (esquemas motores reificados que amarram o corpo) é favorecido pelo medo da queda. Os demônios usam esse medo para impedir a transformação desejada pelo Espírito. Os demônios oferecem um caminho habitual, conhecido, ultrapassado e aprisionante contra a criatividade divina, aquela que possibilita a responsabilidade (no sentido de responder) para com as melhorias do nosso mundo. Não à toa os sequestradores de Deus podem ser considerados falsos messias com um conservadorismo controlador, machista e explorador da boa vontade de quem busca um caminho. São messias do descaminho.

O medo da queda envolve o medo da emergência do novo, que nos levará a um caminho desconhecido. Os falsos messias controlam o conhecido. É preciso evitar a submissão aos messias dos descaminhos e deixar-se levar pela mão de Deus ou da Deusa que moldará do barro a massa informe, a forma que abrirá novos caminhos.

Muitos autores falam, esporadicamente, do temor da queda, mas atêm-se ao seu significado simbólico. Haveria em todos nós o temor da “queda moral”, da “decadência”, da “degradação”, da “humilhação” e outros. Tenho, contra essa interpretação, que o temor de queda é real – temor de levar um tombo. Os significados apontados decorrem deste, e não o contrário. (Gaiarsa, 1988, p. 60)

Tudo isso é da natureza do nosso sistema postural de equilíbrio. No entanto, o medo da “queda, por sua vez, é sentido por quase todos como ‘culpa’ própria... ou do outro [...] note-se com que facilidade o ‘eu’ se identifica com o nosso aparelho – de certo modo impessoal – de equilíbrio; como

abusa dele tanto na vitória como na derrota” (Gaiarsa, 1988, p. 82). E é aqui que as religiões oportunistas “salvam” pelos processos de conversão e persuasão, submetendo o pensamento, a inteligência e a criatividade à dominação que reproduz o mesmo que amarra a postura.

Muito diferente é o taoísmo clássico, filosofia chinesa milenar da qual Gaiarsa se aproximou ao estudar as condições existenciais do sistema de equilíbrio biomecânico do corpo humano: “As tensões que se ativam em nós, quando estamos em relação com os objetos, são esquemáticas, necessárias e abstratas, no sentido de retratarem apenas forças da relação; por isso me apraz qualificar como impessoais” (Gaiarsa, 1988, p. 104). Gaiarsa diz isso contra a ideia de um eu capaz de dominar todo o comportamento com deliberações prévias e independentemente do corpo que é. No livro *Couraça muscular do caráter* (2019), ele escreve algumas páginas sobre a relação entre os princípios taoístas e o sistema sensorio-motor. Não à toa. Lao-Tsé dizia que

Quando o grande Tao se perdeu,  
brotaram (ideias de) humanidade e justiça.  
Quando o conhecimento e o talento surgiram  
grandes foram as decepções.  
Quando as relações familiares entraram em desarmonia,  
brotaram (ideias de) bons pais e filhos leais.  
Quando a nação mergulhou em desordem e desgoverno,  
brotaram (ideias de) ministros leais. (Watts, 1975, p. 150)

As normas servem para direcionar a ação como “placas de trânsito”. A norma, nesse caso, age em serviço da manutenção

de um *habitus*, e não no desbravamento de novos caminhos. Embora seja preciso saber caminhar sobre os caminhos já abertos, muitas vezes a vida necessita abrir novos, para os quais as “placas de trânsito” de nada servem. O agente da norma realiza um esforço persuasivo sobre o outro em determinada direção. No entanto, quando a “placa de trânsito” passa a se autojustificar transcendentemente, ou seja, por si mesma, perde-se de vista o seu sentido prático, como se carregasse em si uma verdade independente. Vira um sistema de sinalização autoritário, proposto de cima para baixo, ignora a linha do horizonte.

Nesse caso, a obediência à norma se converte num

esforço muscular que fazemos a fim de nos obrigarmos a cumprir nossos compromissos, deveres e princípios, o elemento real à analogia verbal. [...] esforço que fazemos para obrigar a outros, ou às coisas, a obedecerem a uma certa norma, ou a se conformarem a um certo molde. É preciso muito esforço físico para conseguir este propósito. (Gaiarsa, 1988, p. 101)

Lao-Tsé também diz que

[...] (até mesmo) a maior boa vontade do mundo,  
quando forçada, nada consegue.

A maior virtude, quando forçada, nada obtém.

A melhor boa forma, quando forçada,

não surge da maneira certa;

assim, como de hábito,

apenas o “trabalho árduo” é usado

a fim de aplicar a lei. (Watts, 1975, p. 146)

Sabemos que, para ser homenageado, Gaiarsa não precisa ter sido perfeito em tudo. Corajosos como ele, que abrem caminhos, erram muito e acertam muito. E aprendemos com seus erros e seus acertos. Transformam-se em medida para nossos juízos. Para este livro sobre seu legado, contribuíram algumas pessoas cujos fios da vida foram entrelaçados com a vida dele na grande tessitura complexa que é o contexto Brasil. Mas não foram somente essas. Muitas outras teceram esse legado por meio dos grupos experimentais, lendo seus livros e acompanhando-o na televisão. Você verá Gaiarsa inspirando corajosos que souberam abrir novos caminhos, assim como os acolhendo quando, cansados e machucados, o procuraram, caso da Monja Coen; inspirando pessoas contra costumes mesquinhos e mentalidades autoritárias, como nos textos de Regina Navarro Lins e Daisy Souza; acolhendo intelectuais e mulheres corajosas no movimento de contracultura paulistana, como Regina Favre. Você verá a contribuição teórica e prática de Gaiarsa no contexto da análise reichiana e da psicoterapia corporal nos textos de Dárcio Valente Rodrigues e Pedro Prado; e sua relação com a psicanálise no texto de Fábio Landa. Verá, também, como ele soube ser um bom amigo. Lerá relatos da família pelas mãos do filho Nadeesh Gaiarsa, que também é terapeuta e leva o legado do pai, assim como pelas de André Gaiarsa, sobrinho e médico psicanalista. Ambos contam um pouco sobre as transformações pessoais na vida de Gaiarsa e sua influência sobre a vida deles. E menciono também sua contribuição no campo do paradigma corpóreo na área de filosofia e ciências humanas no Brasil.

Todo esse legado deve ser aproveitado ainda hoje. Em 2020, vivemos o apogeu do levante das estruturas de dominação sobre

nosso corpo e nossa mente; tais estruturas querem nos conduzir de volta à mesquinharia e à destruição. Contra essas forças, Gaiarsa ainda inspira, acolhe e ensina.

Para concluir, fiquemos com esta bela passagem do livro *Filha da fortuna*, de Isabel Allende (1998), em homenagem a todos os que, de algum modo, foram entrelaçados nesse legado:

Tao Chi'en tinha de admitir que se sentia amarrado a Eliza mediante infinitos fios infinitos e delgados, fáceis de cortar um a um, mas, pelo fato de estarem entrelaçados, os fios haviam se transformado em cordas difíceis de ser cortadas. Fazia poucos anos que se conheciam, mas já podiam olhar para o passado e ver o longo caminho, cheio de obstáculos, que haviam percorrido juntos.

## REFERÊNCIAS

- ALLENDE, I. *Filha da fortuna*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CSORDAS, T. "Embodiment as a paradigm for anthropology". *Ethos*, v. 18, n. 1, 1990, p. 5-47.
- GAIARSA, J. A. *A estátua e a bailarina*. São Paulo: Ícone, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Respiração, angústia e renascimento*. São Paulo: Ágora, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Couraça muscular do caráter (Wilhelm Reich)*. 7. ed. rev. São Paulo: Ágora, 2019.
- LAO-TSÉ. *Tao te ching*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- STIÈGLER, B. "O preço da consciência". In: MEDEIROS, M. B. (org.). *Arte e tecnologia na cultura contemporânea*. Brasília: Dupligráfica, 2002.
- WATTS, A. *Tao – O curso do rio*. São Paulo: Pensamento, 1975.

# 1. Gaiarsa: a mutação da classe média, a contracultura e a entrada das escolas neorreichianas no Brasil

**REGINA FAVRE\***

**Fernanda Carlos Borges:** Antes de tudo, quero agradecê-la por topar participar deste projeto sobre o legado do Gaiarsa. Você é uma das poucas neorreichianas que falam e se lembram dele, que reconhecem esse legado. É também uma precursora, tanto quanto ele, cada um ao seu modo.

**Regina Favre:** Quase [risos]. De alguma maneira eu sou precursora, porque sou a primeira pessoa que traiu o legado dele, na verdade.

**FCB:** Como assim?

**RF:** Porque eu nunca segui o caminho do Gaiarsa. Ele teve outro papel na minha vida, mas nunca foi um mestre. Essa é uma das questões da história da colonização do corpo no Brasil pelas escolas anglo-saxônicas. Acho que o Gaiarsa, por muitas razões, não bancou a invasão colonial ocorrida nos anos 1970. Ele ficou em um espaço muito pequeno para o

\* Filósofa, psicoterapeuta, professora e pesquisadora do corpo no Laboratório do Processo Formativo.